



O Carnaval na Lente Ética da Mídia e os Efeitos de Sentidos nos Telespectadores¹

Helton Gomes da Nóbrega²

Norma Meireles³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa que utiliza a Análise de Discurso para observar o comentário da jornalista Rachel Sheherazade a respeito do carnaval, inserido no telejornal Tambaú Notícias (veiculado pela TV Tambaú de segunda-feira a sexta-feira no início da tarde). A opinião da âncora foi destaque em todo o país por conter críticas a um dos eventos mais populares do Brasil. Durante alguns minutos ela tece comentário pessoal sobre o período carnavalesco baseado em sedimentações históricas e na memória coletiva mexendo com o imaginário social em torno do carnaval. Pretendemos observar o discurso contido no comentário da jornalista, além dos efeitos provocados no público.

Palavras-chave: análise de discursiva; carnaval; jornalismo opinativo; telejornalismo.

Introdução

Freqüentemente observamos no meio acadêmico, e até mesmo fora dele, discussões sobre a ética no jornalismo. As pessoas analisam programas de cunho jornalístico policial baseando-se em suas imagens fortes. São homicídios à luz do dia, apreensões de grandes quantidades de entorpecentes, criminosos tratados como celebridades. Programas que invadem as nossas casas em pleno meio-dia e nos deixam extasiados a cada nova matéria exibida. As pessoas estão sempre lançando crítica ao formato do noticioso.

No entanto, também é importante observamos os telejornais e seus âncoras, com belos discursos e descrição dos fatos. Todos os dias eles escolhem a melhor forma de noticiar e reportar acontecimentos para os telespectadores. Com padrões respeitáveis, “o

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Estudante do 8º. Semestre do Curso Comunicação Social – Radialismo da Universidade Federal da Paraíba, email: heltonobrega@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso Comunicação Social – Radialismo da Universidade Federal da Paraíba, email: norma.meireles@gmail.com



telespectador está em primeiro lugar” e nunca deve ser colocado às margens dos princípios éticos do jornalismo. Há controvérsias!

Nas últimas décadas, a velocidade que o tempo e a amplitude que o espaço adquiriu, transformaram o consumo da informação. Atualmente, o acesso às notícias tornou-se instantâneo através da internet, em menos de uma hora ela pode estar do outro lado do planeta. Eis que algumas pessoas, de qualquer parte, se destacam e passam a ser conhecidas por algo que disseram ou fizeram. Do dia pra a noite elas caem no gosto/ou não dos internautas e a partir daí suas vidas podem mudar. Algo do gênero aconteceu com a jornalista âncora do Tambaú Notícias, Rachel Sheherazade.

O telejornal exibido no início da tarde é considerado um dos programas mais antigos da TV Tambaú, retransmissora do SBT na Paraíba. Quando comandado por Rachel Sheherazade o noticiário apresentava os fatos mais importantes do dia nas áreas de política, economia, negócios, saúde, cultura, entre outros. Durante oito anos como apresentadora do noticiário, a postura como apresentadora séria e fidedigna de Rachel Sheherazade nunca foi tão julgada a partir do dia em que expôs sua opinião sobre o carnaval. Um posicionamento que, como outra qualquer, foi apoiada por uns e recriminada por outros. Durante o telejornal, a repórter comentou com revolta a respeito do carnaval e seus pontos negativos.

Carnaval tal como conhecemos

Durante o comentário de Rachel Sheherazade, a jornalista falou que revelaria falsas verdades a respeito do carnaval, fazendo-o como exposto a seguir: “o carnaval é uma festa genuinamente brasileira. Não, não é: o carnaval tal como nós o conhecemos surgiu na Europa durante a Era Vitoriana e se espalhou pelo mundo a fora, adaptando-se a outras culturas” (SHEHERAZADE, 2011a). O samba, as agremiações e seus carros alegóricos, os trios elétricos, são criações do povo brasileiro. No entanto, a raiz do carnaval nunca esteve na Terra de Vera Cruz. Suas origens são européias, e estão muito antes da Era Vitoriana.

Para Ferreira (2004, p.17), quanto às origens do carnaval não devemos confundilas com festas e celebrações de civilizações antigas: “Uma está na raiz da outra, mas não são a mesma coisa”. Segundo o autor, a festa carnavalesca é a maior celebração de



felicidade do planeta e teria surgido no ano de 604 como uma “invenção” da igreja católica. O papa Gregório I determinou que os fiéis deveriam passar um período em reclusão espiritual lembrando os quarenta dias de jejuns e provações passados por Jesus no deserto. O período conhecido por Quaresma, entrou como data oficial no calendário cristão em 1091 pelo papa Urbano II. Para Ferreira (2004, p. 25)

O primeiro dessa seqüência de dias passa a ser chamado de Quarta-feira de Cinzas. [...] A partir daí, estava legalmente decretado que durante os quarenta dias de privações os fiéis deveriam esquecer os prazeres da vida material e dedicar-se a elevar seu espírito a Deus e a meditar sobre Cristo e sua ressurreição, que seria festejada no fim da Quaresma, no domingo de Páscoa.

Diante do rigor imposto pela igreja católica, que nos anos da Idade Média detinha poder controlador inquestionável, a atitude mais humana da sociedade em relação ao período de reclusão seria aproveitar ao máximo os dias que antecedem a Quarta-feira de Cinzas. Daí para o surgimento das festas que antecederiam a Quaresma foi uma questão de tempo. O costume ganhou proporções e invadiu fronteiras, adaptando-se a cada país.

Ainda segundo Ferreira (2004, p. 26), durante muitos séculos o importante era festejar aqueles dias extraordinários de todas as maneiras possíveis, comendo alimentos bem gordurosos, cantando, bebendo, dançando e aproveitando cada momento antes das semanas de privações que estavam para iniciar. Com tanta dança, tanta comilança e tanta bebedeira, não é de admirar que, em alguns anos, as festas que aconteciam no período do adeus à carne – ou seja, no período do Carnaval – fossem ficando cada vez mais descontroladas e exageradas.

Reminiscências⁴ Carnavalescas

Podemos afirmar com tranqüilidade que o repórter é o olho do telespectador ao contar histórias e descrever fatos noticiosos. Nele é depositada a confiança na transmissão verídica dos acontecimentos e como principal ferramenta de trabalho o profissional de jornalismo utiliza as palavras para construir a melhor forma de expressar seu discurso. Para Fernandes (2007), o discurso é uma palavra da língua portuguesa que freqüentemente está associada a pronunciamentos políticos, a textos escritos com

⁴ Com isso nos referimos à memória discursiva.



recursos estilísticos mais rebuscados, a uma oratória capaz de persuadir através das palavras. No entanto, para analisarmos o discurso, devemos estar desprendidos das situações advindas do cotidiano que perpassam o senso comum e individual.

Inicialmente, podemos afirmar que discurso tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem a fala, mas que necessita de elementos lingüísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente lingüística. (FERNANDES, 2007, p. 18)

Assim, utilizamos como suporte teórico à Análise do Discurso (AD) através da linha francesa que relaciona o lingüístico com o contexto socioideológico e histórico. A AD preocupa-se com a produção de sentido através do enunciado. O imaginário dos telespectadores é constituído pelo posicionamento do sujeito locutor diante do discurso, sendo a ideologia determinante desse posicionamento.

Nesse ínterim, para que o discurso se materialize, é necessário que haja um suporte material que o faça aparecer, neste caso, a língua portuguesa e a imagem exibida através da TV. O conjunto desses elementos forma o enunciado que faz com que o discurso circule, se reitere ou se modifique. Segundo Foucault (2008, p. 98),

O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita).

Assim disposto, tomamos, no presente artigo, o vídeo *Comentário de Rachel Sheherazade Sobre o Carnaval*⁵, como sendo o enunciado a ser discutido para fins de efeito de sentido nos telespectadores. Neste vídeo, a jornalista utiliza da própria experiência empírica para criar seu discurso expondo conclusões a partir do que por ela

⁵ Disponível em: <http://tambaunoticias.tvtambau.com.br/2011/03/o-fenomeno-rachel-sheherazade>. Acessado em 7 de maio de 2011.



foi/é vivenciado em relação ao período carnavalesco. O comentário se inicia desta maneira:

Não, não é que eu seja inimiga do carnaval. Até já brinquei muito em clubes, nos blocos, nas prévias. Fui até a Olinda em plena terça-feira de carnaval. Portanto, vou falar com conhecimento de causa (SHEHERAZADE, 2011a)

Ou seja, durante três minutos e meio, a apresentadora utiliza da memória discursiva, também conhecida como interdiscurso para falar a respeito do carnaval. Este se caracteriza “pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos da história e de diferentes lugares sociais” (FERNANDES, 2007, p. 51). É no interdiscurso onde o sentido pode ser pluralizado no momento em que idéias contrárias se confrontem.

Portanto, suas palavras não estão fundamentadas em uma individualidade. O sujeito discursivo deve ser considerado sempre como um sujeito social apreendido em um espaço coletivo (FERNANDES, 2007, p. 33). Para a Análise do Discurso, o sujeito é constituído por diferentes vozes sociais.

Observe-se, agora, o seguinte enunciado da jornalista:

Segunda falsa verdade: é uma festa popular. Balela! O carnaval virou negócio, e dos ricos. Que o diga os camarotes VIP’s, as festas privadas, os abadas caríssimos, chamados de passaporte da alegria. E quem não tem dinheiro para comprar essas roupinhas coloridas, também não tem direito de ser feliz? (SHEHERAZADE, 2011a).

Para Melo Neto (2002, p.1), o popular está enraizado no que diz respeito ao que tem origem nas maiorias, no povo ou a ele esteja direcionado.

Assim, é que algo pode ser caracterizado como popular ao conter os seguintes elementos que se relacionam entre si, porém diferenciando-se: a origem nas maiorias, no povo ou a ele esteja direcionado; o político como elemento de promoção de hegemonia desses setores sociais; o metodológico no sentido de animação do exercício para a cidadania crítica e geradora de ação; o ético expresso por princípios de solidariedade, tolerância e justiça; e o utópico, traduzido pela busca incessante de alternativas de vida e de felicidade.

Em termos de memória discursiva em torno do que é popular tomamos ainda a seguinte imagem que dialoga com a fala da apresentadora quando diz que o carnaval de hoje é feito de trios elétricos, abadás e festas privadas (ver Figura 1).



Figura 1⁶ – Bloco de Ivete Sangalo, carnaval de rua em Salvador, 2011.

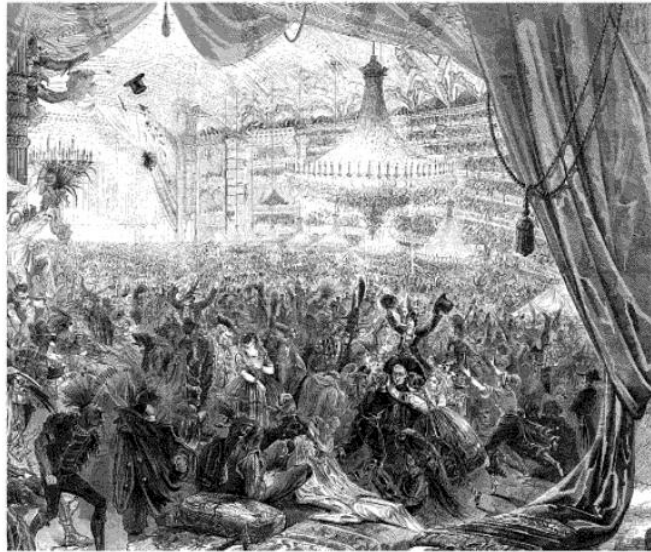
Não há como negar que os festejos emanaram do povo, no entanto a festa elitizada é uma ressignificação do carnaval popular com fins rentáveis para poucos. Nesse sentido, esse novo carnaval apresenta as mesmas características (bebedeiras, exageros, música, alegria, comicidade) intrínsecas a uma festa popular, assim sendo. Essa relação entre práticas passadas e presentes podem ser observadas, analisando-se tanto o carnaval baiano, por exemplo (Figura 1) quanto as representações das festas européias de outrora (Figuras 2 e 3):



*Associado à fartura e aos excessos, o País da Cocalha era uma espécie de lugar do perpétuo carnaval, em tudo oposto aos rigores da vida cotidiana da Idade Média europeia.
(Pieter Bruegel. O País da Abundância, 1567. Alte Pinakothek, Munique.)*

Figura 2 - Excessos do carnaval europeu na Idade Média
Fonte: (FERREIRA, 2004, p. 35)

⁶ Frame da transmissão ao vivo em HD do carnaval de Salvador 2011 pela TV Aratu//SBT. Disponível em: <http://www.htforum.com/vb/showthread.php/61145-HDTV-Salvador/page443> Acessado em 7 abr. de 2011.



A loucura dos bailes carnavalescos parisienses serviria de inspiração para a implantação do carnaval burguês em outros países. (Illustration, 20 de fevereiro de 1858.)

**Figura 3 - Baile de carnaval parisiense no séc. XIX. Influência para outros países.
Fonte: (FERREIRA, 2004, p. 61)**

Num contexto geral, podemos observar pelo que foi dito por Sheherazade como um todo (texto imagético e texto verbal) o poder da imagem. Seja ela imaginada, pensada e, mesmo, vista, ou quando materialmente presente, estando retomada pela leitura de signos através do(s) discurso(s). Gregolin comenta (2000, p. 22)

O poder da imagem é o de possibilitar o retorno de temas e figuras do passado, colocá-los insistentemente na atualidade, provocar sua emergência na memória do presente. A imagem traz discursos que estão em outros lugares e que voltam sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrases. [...] A leitura exige a captação da materialidade do signo e sua reinserção no grande texto histórico do momento, que é construído pela sociedade de massa.

Assim, vimos nesse breve percurso de memória em torno do carnaval, como a imagem opera reiterando discursos em outros enunciados, que, no caso deste trabalho, é o texto (vídeo) opinativo da jornalista Rachel Sheherazade. E, apesar de os discursos sobre o carnaval que aparecem nas imagens e nas considerações de Ferreira (2004), se contraporem ao que é dito por Rachel, apóiam-se na mesma formação discursiva, pois eles tratam do mesmo objeto, do mesmo tema: o carnaval.



A Opinião Jornalística

Segundo Beltrão (1980), com a grande popularização dos veículos de comunicação no período pós-guerra o jornalismo deixou de se limitar a aspectos superficiais. A profissão assumiu caráter social e com isso, permitem a interpretação da contemporaneidade pela sociedade. Muitas vezes o homem comum não consegue apreender a informação se abastecendo apenas do superficial. O exercício do jornalismo permite ao cidadão um olhar mais aprofundado, uma vez que posteriormente ficaria complicado para ele apurar e descobrir detalhes relevantes da notícia que são determinantes para avaliar e tirar suas conclusões a respeito.

Para elaborar opinião e manifestá-la, o jornalista deve manipular a informação em três tempos. O primeiro, dominar a informação, depois regê-la, levando ao conhecimento público quando oportuno. E por último, assistir à informação, acompanhando seus efeitos mediatos e imediatos (BELTRÃO, 1980, p. 44).

A opinião de jornalistas costuma estar associada à política editorial da empresa. Entretanto, com base nos conceitos propostos por Beltrão (1980), vimos que o vídeo não se trata de um editorial. A própria empresa, ao disponibilizar o trecho do telejornal na internet, o classifica como comentário, intitulando-o como *Comentário de Rachel Sheherazade Sobre o Carnaval*.

O nosso foco está direcionado para a opinião da jornalista, porém é interessante observar o jornalismo opinativo como um todo, com destaque também para o editorial, que embora não seja uma prática cotidiana nos telejornais, ele é facilmente identificado no jornal impresso. Beltrão (1980, p. 52) lembra que,

O jornal é um catalisador de opiniões, uma agente de consciência pública. Não é o que eu penso o que exprimo no editorial, mas o somatório do que pensa uma expressiva parcela de opinião pública, representada pelo grupo que fundou, orienta e mantém o jornal. Este pensamento que eu – tenho de exprimir se origina na política editorial, ou seja, na linha filosófico-prática daquele grupo mantenedor e administrador do periódico.

Tal qual o editorial, o comentário de Sheherazade, que também poderíamos classificar como crônica⁷, busca ir além do informativo na tentativa de provocar reflexões sobre o tema em questão.

Confesso que a minha intenção não foi polemizar nem lançar críticas vazias ao carnaval. Foi uma opinião. Uma tentativa de incitar nos cidadão, foliões ou não, reflexões sobre essa festa que paralisa o país por cinco dias todo ano. (SHEHERAZADE, 2011b).

A TV Tambaú abre espaço semanal para que a jornalista opine com total liberdade. “Eu agradeço de coração a TV Tambaú pelo espaço que me sede toda semana, para que eu possa opinar livremente sobre qualquer assunto. Sem censuras prévias nem posteriores” (SHEHERAZADE, 2011b).

Quando analisamos o comentário de Sheherazade, inserido no contexto do telejornal Tambaú Notícias, podemos observar contradições discursivas. Ao mesmo tempo em que assistimos a âncora fazer seu comentário, a logomarca da TV Tambaú, exibida uma sobrinha de frevo que remete ao carnaval (Figura 4). O signo e sua significação acabam sendo disponibilizados para compor o interdiscurso na formação do sentido. Se por um lado temos na logomarca da empresa, visível no canto direito da tela, uma figura representativa (uma sombrinha) como apoio ao carnaval, por outro, a empresa permite opinião contrária expressa pela própria apresentadora. O telejornal acaba representando a própria sociedade, com suas convergências, divergências e contradições.



Figura 4⁸ - Rachel Sheherazade durante comentário no Tambaú Notícias.

⁷ Definida por Beltrão (1980, p. 66) como “forma de expressão do jornalista/escritor para transmitir ao leitor seu juízo sobre fatos, idéias e estados psicológicos pessoais e coletivos.”



O jornalismo opinativo está ligado à interpretabilidade do telespectador. Dentre as associações desse tipo de jornalismo percebemos a consciência histórica coletiva, fortemente ligada a de memória discursiva; tal consciência – atrelada à ocorrência de interesse público, confronto com o sistema de valores vigentes e o julgamento de categorias sociais – reflete na concretização do sentido discursivo.

Repercussão

O Tambaú Notícias é exibido pela TV Tambaú, retransmissora do SBT na Paraíba há 15 anos, e a repercussão da crítica sobre o carnaval feita por Rachel Sheherazade foi inesperada tanto para a âncora como para os telespectadores paraibanos. Somente no site Youtube, onde o link com o vídeo está disponível, foram registradas 771.392 visualizações e 5.451 comentários⁹. Para cada um desses, há um sentido que possa ser apreendido de maneira diferente. Essa totalidade de interpretações é incalculável.

Os efeitos de sentido dados pelos telespectadores internautas – se assim podemos chamar – à fala de Rachel Sheherazade está imbuído de conceitos, crenças e considerações que funcionam como verdade a respeito do papel ético do jornalista e da mídia. Os seguintes comentários a seguir podem ser observados na mesma página da internet onde o vídeo de SHEHERAZADE está disponível (2011a).

Eu como jornalista fico orgulhosa em ver a sua coragem de abrir ao Brasil e agora ao mundo um outro lado do nosso precioso Carnaval que muitas vezes fica escondido debaixo de musicas e serpentinas. Nos mesmos, sabemos que rende milhoes e quem nao dira bilhoes aos bolsos de poucos. Nao acho que a maior festa popular do pais deva acabar, mas acredito que poderia agregar beneficios reais para as pessoas, sem hipocresias. (sic) (Andressalorenzetti)

Mesmo que outros profissionais do jornalismo detenham do conhecimento prático e teórico da manipulação de textos, há por parte destes, suas considerações. Analisando mais alguns comentários, podemos observar interpretações distintas.

⁸ Frame do vídeo Comentário de Rachel Sheherazade Sobre o Carnaval. Disponível em: <http://tambaunoticias.tvtambau.com.br/2011/03/o-fenomeno-rachel-sheherazade>. Acessado em: 7 mai. 2011.

⁹ Disponível em: http://www.youtube.com/all_comments?v=oLmFQxsMbN4 Acessado em: 7 mai. 2011



A Rachel "cagou no pau" quando crítica o hábito das pessoas que frequentam o Carnaval, independentemente da classe social, em relação ao sexo livre. Ditar regra, especialmente essa, parece coisa de vizinha evangélica fofoqueira que é contra sexo antes do casamento e desce a lenha se saber qualquer um da sua rua o fez quando quer. /rafaferrazdc (sic)

Feriado por metro quadrado do que dias de trabalho. Pra tudo se arruma feriado, dia do amigo, dia do beijo, dia de são longuinho do cajueiro. BALELA, carnaval nada mais é do que mais um motivo pra BEBER, FUDER E ACHAR QUE PODE TUDO. Alguem levaria o seu filho para pular carnaval com todas essas qualidades que existe? Violência, bebedeira e sexo, o resultado de tudo isso pra mim é um puteiro. Porque não levar o seu fihinho de 4 anos a um bordel tem tudo q o carnaval tem. Não tem sentido isso. /fernalf (sic)

Uahuaha venha para o Recife e Olinda que você vai conhecer o melhor carnaval do mundo aqui não tem isso de pagar para se divertir, aqui tem atrações de peso e de graça na rua mesmo, vários polos e quaqueer estilo musical (qualquer mesmo). Aqui o carnaval não é feito de música baiana e sim de cultura pernambucana. /BiologicalWord (sic)

Muito mimimimi para poucos argumentos. No mundinho dela só quem curte carnaval é rico - começou mal -. Deveria falar que os lugares que ela frequenta no carnaval é que só tem rico. Quanto a reclamação das ambulâncias e policiais é uma questão de prioridade, contingente de pessoas. Quanto a música, convenhamos que não dá para curtir o carnaval escutando Chopin. Ela fez um sensacionalismo barato e intelectuóide, os que tem opinião mais fraca caíram no conto dela. /Almeidaplx (sic)

Falou o que a maioria não tem coragem, parabéns!!!, ser reportes é isso aí." /martinezssa (sic).

Por este se tratar de um trabalho em Análise do Discurso, não pretendemos dizer se a jornalista está certa, ou não, em sua crítica ao carnaval. Porém, afirmamos que, mesmo com a banalização da informação pelos telejornais, a falta de dados ou números que justifiquem o comentário, e de existirem controvérsias quanto ao conteúdo expresso na opinião de Sheherazade – apesar de o papel ético do jornalista não ser o de impor a opinião – num gesto de leitura dos comentários dos internautas, podemos dizer que, no imaginário deles, o papel do jornalista está relacionado a uma postura de denúncia social, de modo que a “verdade” que é expressa na opinião do jornalista, passa a ser tomada como absoluta.



Os comentários de internautas, acima, tratados, certamente não representam um décimo dos que foram feitos na página do youtube e seus “pontos de vista” são diferentes. A produção de sentido através do texto de Rachel fica expressa em pequenas análises diferenciadas sobre o tema do carnaval. A cada comentário feito pelos internautas, um novo sentido, algo diferente será colocado contra ou a favor do discurso que permeia o texto da jornalista. Esse posicionamento (discursivo ou contradiscursivo) é o que determina o efeito de sentido dado ao texto de Rachel Sheherazade.

Algumas Considerações

Através das origens e das imagens carnavalescas observamos que independente de cultura, o carnaval é uma manifestação popular válida. Independente de suas ramificações e, conseqüentemente, de suas transformações para atender ao capitalismo, no entanto, a exibição exacerbada do carnaval retoma ainda mais o conceito de popularidade do período. Como afirma Ferreira (2004), desde a origem da tradição carnavalesca existe uma fragmentação entre a sofisticação, elegância, glamour e festas irracionais, exageradas, cômicas e sujas. A ativação da memória discursiva vai depender sempre de enunciados que despertem no cidadão suas histórias e, conseqüentemente, sua ideologia. E nada melhor que o jornalismo, como ferramenta social, para desempenhar tal função através do diálogo com o público. O valor da opinião jornalística está para os telespectadores, assim como a “verdade”. Estar perante aos acontecimentos e ter acesso com facilidade a informação contribui para a responsabilidade profissional do jornalismo. Seu objetivo deve estar para os fatos e a interpretação deles como forma de assegurar ao cidadão a possibilidade opinativa a respeito de assuntos de interesse público. Logo, o telespectador estará apto a decidir sobre o seu cotidiano e, com a popularização da internet ter maior decisão sobre os acontecimentos. À medida que os fatos tornam-se importantes e considerados de interesse público, os telespectadores ganharam pluralidade através da rede de computadores e passaram a ter mais força e assim, ganham destaque. O telespectador internauta se tornou fundamental para o desenvolvimento televisivo depois que passou a intervir no ciclo midiático de forma direta.

Por fim, acreditamos que os esforços no sentido de observar o discurso da jornalista Rachel Sheherazade possibilite ao leitor uma releitura de seu comentário, bem



como a repercussão dele na sociedade, observando assim os mais variados efeitos de sentido que contém a fala da jornalista.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, ARI, 1980.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos-SP. Ed. Claraluz, 2007.

FERREIRA, Felipe. **O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro – RJ, Ediouro, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro – RJ: Forense Universitária, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosario. **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos - SP. Ed. Claraluz, 2007.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística**. 8ª e. Rio de Janeiro. Record, 2009.

MELO, José Marques, **Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo. Ed. Paulus, 2006.

NETO, José Francisco de Melo. **O que é Popular?** João Pessoa, 2002. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/producao_academica/artigos/pa_a_2002_o_que_e_popular.pdf. Acessado em: 25 abr. 2011.

PÊCHEUX, Michel. (1999a) **Contextos epistemológicos da Análise do Discurso**. Trad. Eni Orlandi. In: Escritos, n. 4. Campinas, SP: Labeurb/Nucredi – UNICAMP.

SHEHERAZADE, Rachel. **Tambaú Notícias**, quarta-feira, 2 mar. 2011. Disponível em: <http://tambaunoticias.tvtambau.com.br/2011/03/o-fenomeno-rachel-sheherazade/> Acesso em: 7 de mai. 2011a.

SHEHERAZADE, Rachel. **Tambaú Notícias**, quarta-feira, 2 mar. 2011. Disponível em: <http://tambaunoticias.tvtambau.com.br/2011/03/o-fenomeno-rachel-sheherazade/> Acesso em: 7 mai. 2011b.